

STÊNIO GARDEL

A palavra que resta



Creide e Alex
Pedra
Mourão de cerca
Beco
Costela
Casa

4

Rio
Lamparina
Sombras
Deserto
Nome

Agradecimentos

Sobre o autor

Créditos

*Para minha mãe,
Irene,
em memória e em ferida.
Para meu irmão,
Jardel,
aqui e distante.*

São muitas, eu pouco.

“O lutador”, Drummond

*Submetem-nos, subjugam-nos. Pesam toneladas,
têm a espessura de montanhas.*

*São as palavras que nos contêm, são as palavras
que nos conduzem.*

“Húmus”, Raul Brandão

Raimundo

Raimundo Gaudêncio de Freitas, traço incerto, arredio ao toque do papel. Lápis danado, domado, e ele escrevia o nome completo pela primeira vez. Setenta e um anos e essa invenção, como ele diz, de aprender a ler e escrever depois de velho. Raimundo não foi difícil. Complicado era Gaudêncio, denso de saudade, as cinco vogais e acentuado. Freitas era feito de sangue.

A vontade, tinha sim, desde menino, mas o pai lhe dizia que a letra era para menino que não precisava encher o próprio prato. Raimundo foi cedo para a lida. De noite, o braço ritmado no golpe da foice pedia descanso, que no outro dia tinha mais. O intento de aprender se rendeu à precisão. O futuro estava escrito na frente dele, era o presente do pai, pai de família, dono de um pedaço de chão, assinando com o dedo quando a palavra falada não bastasse. O que não podia ser falado, ficasse palavra muda, pensamento. Raimundo não virou pai de família nem dono de sítio. Se arrancou as raízes, levando no bolso da camisa a carta.

Uma carta inteira. Uma palavra seguindo a outra, quantas palavras? Mandar carta para uma pessoa que não sabia ler, só sendo. A ponta do lápis pairou acima da linha. O próximo nome tinha escrito a carta cinquenta e dois anos antes. Ao lado do caderno, o envelope encruado, sempre fechado. Raimundo

não deixou ninguém ler e envelheceu com o desejo de saber o que ela diz crescendo dentro dele. Feto idoso, rebento tardio. A carta guardava uma vida inteira.

Cícero

Escreveu ao lado do nome, o nome dele. O final era com “u”? Com “o” ficava mais bonito. Seis letras só, mas cabia tanta coisa que era pesado. Feito a cruz, começava com “c” também, como coração e cu.

Se conheciam desde meninos, nascidos na mesma comunidade. Foi aos dezessete, num forró na quadra do grupo, que os olhos cor de terra de Cícero lavraram Raimundo.

— Festa boa, né, Gaudêncio? Muita moça bonita.

— É.

Raimundo achou Cícero bonito, de uma boniteza parecida com a que via nas moças. Coração inquieto, sangue enxerido no pé da barriga. Caule plantado.

Deitado na rede, imagens buliçosas na cabeça reviravam o corpo. Corpo de homem, o dele e o de Cícero. Homem com mulher, homem com homem não prestava, as pessoas falavam disso, homem tinha que achar era mulher bonita, homem que achava homem bonito não era homem, mas era homem e achava Cícero bonito! E será que Cícero achava Raimundo bonito também? Veio foi falar das moças e dançar com elas. Os cabelos perfumados no óleo de coco, os seios macios, as pernas

roliças. Cícero segurava com vontade as moças bonitas escanchadas na perna dele, roçando.

Trabalhavam os dois sozinhos, roçando as terras do pai de Cícero, dias depois. Uma chuva fina e ligeira excitou o chão. A vista de Raimundo escapulia até o corpo do outro, de peito duro descamisado, coberto de suor e poeira. Paisagem que desperta num pássaro preso o desejo de voar. Raimundo gaiola. Se Cícero percebia, Raimundo acoitava o olhar, mas o brilho da foice lhe cortava logo a paciência, e ele de novo se afoitava a encarar o amigo, contando que a cabeça decidisse se iria querer o que o corpo queria.

— Que foi, Gaudêncio?

Eita, e agora? vai brigar comigo, espalhar pro povo todo, Raimundo baitola, Que história é essa de ficar me encarando? que que tu foi fazer, Raimundo? ele é meu amigo, vai dizer nada não, não era nada de todo jeito, Nada não.

Quis responder, não respondeu, mas respondeu. Cícero se aproximou devagar, chegou bem perto, assim, o rosto a um palmo do rosto de Raimundo, com uma mão agarrou a nuca dele, pelo lado esquerdo, perto da mecha de cabelo branco, com a outra apertou sua cintura. Raimundo não se mexeu. Se fincou nos olhos castanhos, tateando o calor que rastilhava o corpo e dilatava as veias, sem saber onde pôr a cabeça, as mãos, os pés, o membro que crescia entre as coxas. Terra saliva línguas braços pernas bocas fome vida.

Se encontravam quase todo dia. O risco era grande. Tudo na moita. Na moita mesmo se escondiam dos outros e se mostravam um para o outro. Homem e homem, e se

entendiam muito bem, se gostavam. Gosto bom mas que deixava um ranço arranhando as ideias.

Dois anos durou.

— Que porra é essa?

O pai de Cícero pegou o filho de quatro, fechou os cinco dedos da mão direita e o derrubou no chão com um soco.

Seu Nonato, ele é teu filho, a gente é amigo, cresci indo na sua casa e o Cícero vindo na minha, de um tempo pra cá a gente começou a se gostar, a gente não está fazendo mal, não, seu Nonato, precisava bater desse jeito nele não, faça mais isso não, ele é teu filho, levanta, Cícero, se levanta,

Raimundo acabou não dizendo nada, enquanto Cícero limpava o sangue do lábio com o dorso da mão.

Seu Nonato puxou o filho pelo braço.

— Levanta, Cícero, se levanta, veste a roupa e anda pra casa.

Raimundo fez que ia acudir. Parou. Seu Nonato se invocou e mostrou para ele a cara virada no cão.

— E você, seu rapaz? Deixa eu falar pra teu pai, que teu couro vai arder.

Cícero ainda olhou para trás.

a gente não devia ter ficado aqui, a céu aberto, A sombra do cajueiro é boa, Gaudêncio, mas hoje eu quero debaixo do sol, a gente se arriscou demais, isso sim, ficar aqui na beira do rio, mas na hora, na hora a gente viu que não podia ser outra hora, esse tempo todo sem se ver, sem se tocar, quando um corpo encostou no outro, foi a vontade todinha desses dez dias, conversa, foi a vontade de muito mais tempo, era a vontade da vida toda, que já passou e que ainda vai passar, que toda vez a

gente sentia essa agonia boa aqui dentro, dizendo sim pra vontade e a vontade aperreando o sim do corpo, da cabeça, do tempo, e eu não podia esperar mais não, nem ele, dava não, foi por isso que vim, Cícero, tu também sente assim, mas ficou com aquela conversa de futuro, ter mulher, ter filho, se assustou, me assustou também, eu fiquei foi com uma agonia ruim aqui dentro, longe de tu, não podia esperar mais não, ia bem deixar teu juízo decidir nossa vida, aquelas palavras lá que tu me falou na última vez no cajueiro e depois foi embora, eu vim atrás de tu e agora, como vai ser? tua família vai saber, minha família vai saber, se fazia rebuliço na nossa cabeça avalie na cabeça do pai da gente, o desgosto, a raiva que vão sentir, tu sabe o que pensam de gente assim, assim como nós dois, não sabe? pensam é tudo de ruim, pior que doença, cadê minha calça? vou ter que falar com o pai, dizer o quê? e pra mãe? não tem palavra que chegue, o jeito é catar as poucas que tem e falar, vão saber mesmo, esconder mais o quê? e se a gente não puder mais ficar junto? vai dar é briga, e não é só com nossa cabeça mais não, é com a cabeça dos outros, viu? se for preciso a gente briga, que não dá mais pra ficar apartado um do outro, pra separar vão ter que cortar nós dois, na carne, ir arrancando os pedaços da gente.

Raimundo terminou de se vestir. O sol começava a se despendurar do meio do dia. Antes de deixar a areia, viu a cruz que marcava o rio e marcaria a vida dele. Pegou o rumo de casa.

Carta

Ficou de noite. Raimundo passou o dia soltando palavras, perdeu a hora da aula. Foi bom, para não esquecer as letras, como disse a professora, tão nova, tão inteligente, Ana, o nome dela, mais fácil que esse não tinha, será? Mas encheu mesmo as folhas do caderno foi com seu nome, sua assinatura. Daqui a pouco, assinatura também. E iria trocar de identidade. Era homem que sabia assinar o nome. Dava gosto ter isso no documento. Dava gosto ter isso nele, agora que conseguia colocar as palavras para fora, porque dentro elas alvoroçavam a cabeça, engasgavam a goela. Não podia mais ficar assim. Tinha que lhes dar um corpo próprio, só delas. A professora Ana disse que ele conseguiria. Foi se arrumar para a aula. Eram três noites da semana na escola do bairro. Raimundo e mais onze.

Primeiro dia, caderno, lápis preto e uma borracha branca. Costurou uma camisa nova, para se despir de uma vida estranha ao verbo escrito, à carta de Cícero. Meio bendita, meio maldita, inteira mistério. Ficou olhando para ela bem uma hora, depois que chegou da viagem à casa do interior. O pedaço de papel que era alumbramento e escuridão, o fundo de um poço. Tinha se acostumado a viver com essa pedra

amarrada ao calcanhar, mas agora, de fôlego suficiente apenas para o próprio corpo, ou se afundava com ela ou partia a corda.

Ele chegou na escola ainda de tarde.

— Onde é a aula do idoso?

Uma senhora que varria o pátio indicou o caminho. Na sala, sentou numa cadeira próximo da porta. Podia desistir, sairia devagar, sem ninguém ver, antes de começar a aula.

Que invenção, Raimundo! e tu ainda consegue aprender alguma coisa? quanto mais ler e escrever, nessa altura da vida a gente tem que sonhar baixo, que a mente não alcança, nem o corpo, se tinha saúde, só a pressão um pouco alta e essa dor nas costas mas os braços e as pernas obedecendo, estava bom, e a cabeça sem esquecer também, as pessoas de ontem e de hoje, mas mesmo depois de velho parece que a gente não deixa de querer, o bom da vida é teimar,

Dona Teresinha, vizinha de Raimundo, entrou na sala apoiada numa bengala. Artrose, artrite, uma dessas que dá nas juntas.

— Raimundo, e tu nem me disse que vinha?

— Foi mesmo, decidi na última hora.

— Mas decidiu. Que bom!

E se acomodou numa carteira, o alívio do peso nos ossos num Aaaai.

mais teimosa que tu,

— O seu Mário, do bar, também vem. E o Tonho, lá da feira?

Vem com o filho, aquele que anda de cadeira de roda.

— E tem gente nova?

— Esse filho dele deve ter mais de quarenta.

— Ah, sim.

Os alunos foram chegando.

*image
not
available*

*image
not
available*

Nuas

Nas peles nuas, a saliva dos beijos e o suor dos abraços irrigavam, dentro deles, raízes fortes, de agarrar as tripas e o que mais tivesse dentro. Até a alma. E as raízes faziam das veias seiva e cresciam pelos poros como galhos trepadeiros em direção ao sol. Quando se tocavam, se engarranchavam e viravam uma planta só, com flor que se abria sobre o peito. Papoula amarela de cálice cor de sangue.

Não podia ser contra a natureza então que eles pudessem viver juntos, crescer num só. Raimundo e Cícero. Não. Gaudêncio e Cícero. Só Cícero que o chamava pelo segundo nome.

— Ah, só conheço tu com esse nome.

— Todo mundo me chama é de Raimundo mesmo, acostumei.

— Está calado, Cícero.

Os dois deitados sob a copa fechada do cajueiro, o sol espreitava entre as folhas. Cícero abraçava Raimundo pelas costas.

— Engraçado esse canto de cabelo branco que tu tem, o resto do cabelo preto.